



Análise do Poema “Ceifeira”, de Fernando Pessoa

Análise do poema:

ELA CANTA POBRE CEIFEIRA

Ela canta, pobre ceifeira
Julgando-se feliz talvez;
Canta, e ceifa, e a sua voz, cheia
De alegre e anónima viuvez,
Ondula como um canto de ave
No ar limpo como um limiar,
E há curvas no enredo suave
Do som que ela tem a cantar.

Ouvi-la alegre e entristece,
Na sua voz há o campo e a lida,
E canta como se tivesse
Mais razões p'ra cantar que a vida.

Ah! canta, canta sem razão!
O que em mim sente 'stá pensando.
Derrama no meu coração
A tua incerta voz ondeando!

Ah, poder ser tu, sendo eu!
Ter a tua alegre inconsciência,
E a consciência disso!

Ó céu! Ó campo! Ó canção!

A ciência pesa tanto e a vida é tão breve!

Entraí por mim dentro!

Tornai Minha alma a vossa sombra leve!

Depois, levando-me, passai!

Esta composição poética pode ser dividida em duas partes lógicas. Na primeira parte, constituída pelas três primeiras estrofes, o poeta descreve a ceifeira e sobretudo o seu canto, canto instintivamente alegre. Esta descrição seria objetiva, se o poeta não introduzisse aqui a sua perspectiva: o canto da ceifeira era “alegre” porque talvez ela se julgasse feliz, mas ela era “pobre” e a sua voz cheia de anónima viuvez”. Por isso, “ouvi-la alegre e entristece”: alegre se atendermos à razão instintiva da ceifeira, entristece se a virmos na perspectiva do poeta. Há pois, já, nesta primeira parte um grau de subjectividade do poeta que vai adensar-se no segundo momento.

Na segunda parte, o poeta exprime a sua emoção perante a canção inconscientemente alegre da ceifeira. Podemos, ainda, subdividir esta segunda parte em dois momentos. Primeiramente, o poeta lança um apelo à ceifeira para que continue a cantar a sua canção inconsciente, porque esta emoção o obriga a pensar, e a desejar ser ela, sem deixar de ser ele, e ter a sua “alegre inconsciência e a consciência disso”. Note-se que o poeta aspira ao impossível, pois ter a consciência da inconsciência é deixar de ser inconsciente! O sujeito lírico, ciente desta impossibilidade (a ciência pesa tanto!), lança uma apóstrofe ao céu, ao campo, à canção, personificados, pedindo-lhes que entrem dentro dele, o transformem na sombra deles e o levem para sempre. Paira aqui aquela dor de pensar tão habitual nos poemas de Fernando Pessoa. Mais um paradoxo do grande poeta, o qual tendo sido o que mais se serviu da inteligência, se sentiu um ser torturado, por ser um ser pensante, daí a sua aspiração pela alegre inspiração da ceifeira. A nível morfo-sintático, nas três primeiras estrofes, o tempo verbal predominante é o presente, que projeta a voz doce da ceifeira, fazendo-a deslizar suavemente na imaginação do poeta que nela medita. A própria repetição das formas do presente (canta-três vezes; ondula) sugere a imagem da ceifeira a cantar e a entrar lentamente (deslizar) na imaginação do poeta. A mesma sugestão da passagem lenta do tempo, acomodada à meditação do poeta, é dada pelo recurso à perifrástica e pelo gerúndio. Na segunda parte do poema, predomina o imperativo para traduzir o apelo do poeta, em nítida função apelativa da linguagem, e também o infinitivo com valor optativo. Note-se a expressividade do gerúndio, na frase apelativa: "Derrama no meu coração a tua incerta voz ondeando" (o poeta queria a voz da ceifeira ondeando perpetuamente na sua imaginação). Na primeira parte do poema por ser essencialmente descritiva, há mais adjectivos que na segunda, em que predominam os substantivos, pronomes e verbos, de harmonia com a função apelativa da linguagem que aí é predominante. A repetição do verbo "cantar" (sete vezes), do substantivo voz e canção, o uso do verbo ouvir, colocam a sensação auditiva no âmbito emocional do poeta.